

**LÍNGUA PORTUGUESA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX:
GRAMMATICA DESCRIPTIVA, DE MAXIMINO MACIEL, E GRAMMATICA
PORTUGUEZA, DE JÚLIO RIBEIRO**

Wemylla de Jesus Almeida
Mestra pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

O artigo trata de analisar a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro (1885), e a *Grammatica Descriptiva*, de Maximino Maciel (1894), na segunda metade do séc. XIX, fundamentado na História das Ideias Linguísticas que leva em conta a História Cultural, tendo como principal intuito identificar como uma realidade social é construída, ou seja, como é dada à luz em diferentes períodos (Chartier, 1990). Assim, foram considerados os fatos educacionais, políticos, econômicos, culturais e filosóficos.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Gramática. História das Ideias Linguísticas.

Introdução

Esta pesquisa surgiu da necessidade de analisar a gramática da Língua Portuguesa, no Brasil, na segunda metade do século XIX. Tomamos como *corpus* a *Grammatica Portugueza*¹, de Júlio Ribeiro (1885), e a *Grammatica Descriptiva*², de Maximino Maciel (1894), traçando a História das Ideias Linguísticas. Dessa maneira, foram levados em conta os fatores filosóficos, políticos, socioeconômicos e educacionais.

A História das ideias Linguísticas é uma linha de pesquisa muito produtiva no Brasil, tendo como pioneiros os professores Eni P. Orlandi e Eduardo Guimarães (UNICAMP), os quais possuem vários trabalhos publicados. Além desses, destaca-se também a Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero que desenvolve pesquisa na área. Assim sendo, traçamos a História Cultural, tendo como principal intuito identificar como uma

¹ A 1ª edição é de 1881, a consultada foi a 2ª edição (com as alterações feitas pelo autor).

² A 1ª edição é de 1887 e a 2ª edição é de 1894 (com alterações feitas pelo autor), a examinada aqui foi a de 1916, sendo o 1º milheiro da 6ª edição aumentada e refundida.

realidade social é construída e pensada, ou seja, como é dada à luz em diferentes lugares e períodos (Chartier, 1990).

O objetivo geral do nosso trabalho é analisar as gramáticas da Língua Portuguesa de Júlio Ribeiro (1885) e Maximino Maciel (1916) no Brasil, na segunda metade do século XIX, e os objetivos específicos tratam de: pesquisar e selecionar o material teórico; analisar as gramáticas da Língua Portuguesa; apresentar discussões teóricas acerca das gramáticas de Júlio Ribeiro e Maximino Maciel.

Questões filosóficas, políticas e educacionais no Brasil Questões filosóficas, políticas e educacionais no Brasil

A segunda metade do século XIX foi um período de muita transformação política, socioeconômica, educacional, cultural e filosófica. Esta última foi muito relevante, pois o Positivismo influenciou muito a sociedade desse período, tendo como seus principais idealizadores Augusto Comte e John Stuart Mill. Desses, destaca-se Augusto Comte, que foi considerado o criador da corrente filosófica positivista.

O positivismo nasceu na França, no começo do século XIX e teve mais força na Europa, na segunda metade do século XIX e início do século XX. Este foi o período em que se chegou ao Brasil. O método geral do Positivismo de Augusto Comte consiste na *observação geral dos fenômenos*, opondo-se ao racionalismo e ao idealismo ou a qualquer aspecto teológico ou metafísico. Diante disso, essa corrente filosófica acredita que o conhecimento científico é o único considerado verdadeiro, confrontando todos os conhecimentos que estão relacionados às crenças.

Comte, definiu, em sua obra *Apelo aos conservadores* (1855), a palavra "positivo" em sete acepções: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático. Por meio da palavra "orgânico", percebemos a influência do Evolucionismo na segunda metade do século XIX.

Houve, no Brasil, forte influência do Positivismo, por meio da representação máxima da frase positivista "Ordem e Progresso": "o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim", em plena bandeira brasileira. Convém destacar, também, o coronel Benjamin Constant, o mais influente positivista brasileiro. Além desses, outros positivistas brasileiros se sobressaíram, dentre eles: Nísia Floresta Augusta (a primeira

feminista brasileira e discípula direta de Auguste Comte), Miguel Lemos, Euclides da Cunha, Luís Pereira Barreto, o marechal Cândido Rondon, Júlio de Castilhos.

As ideias de Augusto Comte permearam, a partir da segunda metade do século XIX, o pensamento de políticos, militares, mestres, escritores, poetas, professores e alunos. Tal influência propiciou, assim, a Proclamação da República no Brasil.

No que diz respeito à economia no Brasil, por volta de 1850, o Império solidificou-se por meio do domínio da monarquia sobre os senhores que faziam as atividades de exportações. Quanto à melhoria do país na economia, afirma Ribeiro (2000, p.64), por meio das comparações das porcentagens de “1839-44 e 1870-75, que ocorreu “o crescimento de 1,0% para 3,5% da importação do carvão, que de 17º lugar passa a 8º, e de 0,2% para 2,9% da importação de máquinas, que passa de 25º para 11º lugar [...]”. Como consequência, houve crescimento nas atividades industriais. Esse crescimento ocasionou outros aspectos, particularmente, o intelectual, explicita Reis Filho (1974, p.1) que:

A consolidação desse desenvolvimento econômico manifesta-se de imediato com o contato mais intenso com a Europa, fonte fornecedora não só de novos maquinários e instrumentos, que importávamos, mas também das novas idéias que passaram a circular ao acanhado meio intelectual dos meados do século XIX brasileiro. (REIS FILHO, 1974, p.1).

Em meados do século XIX, o avanço da economia, por meio da “modernização” da sociedade, fez surgir, também, o consumo das “novas ideias”. Essa modernização se deu pela mudança da sociedade exportadora brasileira de rural-agrícola para urbano-comercial.

Tendo em vista o desenvolvimento econômico, a escola foi organizada. Tal organização deve-se, também, às aprovações de reformas. Prova disso é a reforma de Leôncio de Carvalho em 19 de abril de 1879, que teve alguns de seus princípios dependentes da aprovação do Legislativo, que acabaram não acontecendo, mesmo assim, teve poucas aprovadas, dentre elas, cita Ribeiro (2000, p.67):

a) Liberdade de ensino, isto é, a possibilidade de todos os que se sentissem capacitados esporem suas idéias segundo o método que lhes parecesse mais adequado.

b) O exercício do magistério era incompatível com o de cargos públicos e administrativos.

c) Liberdade de frequência, ou seja, dar liberdade para os alunos dos cursos secundário e superior estudarem como e com quem entendessem. À escola caberia, especificamente, ser severa nos exames. Isto implicava, também, a organização do curso por matéria e não mais por anos, possibilitando ao aluno escolher as matérias e o tempo para cumprir toda a série estimulada. (RIBEIRO, 2000, p.67).

Em virtude disso, vale citar que, no final do século XIX, houve o aparecimento do ensino feminino em nível secundário. Fator significativo, uma vez que as mulheres começavam a adquirir espaço intelectual na sociedade.

Quanto à política, o monárquico D. Pedro II não correspondia mais aos anseios da sociedade, a qual exigia menos autoritarismo, mais democracia e liberdade econômica. Segundo Ribeiro (2000, p.71-70), isso aconteceu pelo crescimento da classe média e sua participação nos fatores públicos. Sendo assim, no dia 15 de Novembro de 1889, na capital Rio de Janeiro, o Marechal Deodoro da Fonseca liderou um golpe militar e derrubou o reinado de D. Pedro II, instaurando a República Federativa e presidencialista no Brasil. Nesse mesmo dia, foi criado o governo provisório. O próprio Marechal assumiu a presidência, tendo como Vice-presidente Floriano Peixoto. Este se tornou presidente quando Marechal renunciou o cargo em 1891.

No governo de Floriano Peixoto (1891-1894), tiveram muitos conflitos. Prova disso, até o ano de 1894, ficou conhecido como período da “Crise da República”. Assim, diz Ribeiro (2000, p.72) que o Governo de Floriano Peixoto (1891-1894) passou a ser conhecido, na História, como o “Marechal de Ferro”.

Vale mencionar, também, a influência positivista à educação brasileira. O positivismo fixou suas ideias por meio da educação escolarizada, que foi decretada em 1890 e colocada em prática com a Reforma Benjamin Constant em 1891. A Reforma, segundo Ribeiro (2000, p.73), “tinha como objetivo orientar a liberdade e laicidade do ensino e a gratuidade da escola primária”. Com base nisso, a escola primária era organizada em duas categorias: a de 1º grau, para crianças de 7 a 13 anos, e a de 2º grau, para crianças de 13 a 15 anos. Criou-se, também, o *exame de madureza* que servia para verificar se o aluno tinha capacidade intelectual ao término do curso. Com efeito, a partir do 3º ano, se introduzia tempo para a revisão de matemática e, no 7º ano, se ocuparia a maior parte do tempo para tal finalidade.

Conforme Ribeiro (2000, p.73), outro objetivo educacional era romper com a tradição humanista clássica. Consoante, o domínio literário deveria ser substituído pelo científico (matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral), segundo a ordenação positivista. Essa decisão foi alvo de inúmeras críticas, de tal modo que foram acrescentadas as matérias científicas às tradicionais, formando o ensino enciclopédico. E, em 1893, ocorreram as distribuições mais justas das matérias do Ginásio Nacional, com o aumento da literária.

Diante do exposto, o Brasil passou por muitas transformações políticas, socioeconômicas, educacionais e filosóficas. Quanto à educação brasileira, algumas Leis e Reformas, tiveram suas eficácias, outras, não.

Questões linguísticas

Conforme Weedwood (2002, p.9), a palavra linguística “começou a ser utilizada em meados do século XIX para enfatizar a diferença entre uma abordagem mais inovadora do estudo da língua, que estava se desenvolvendo na época”. A Linguística é a área do estudo científico que estuda a linguagem, e torna-se abrangente por se utilizar dos diversos tipos de exame dos fenômenos da linguagem, até mesmo a gramática tradicional e a filologia.

A Linguística iluminava os grandes estudiosos do século XIX, especificamente, Franz Bopp, irmãos Grimm e Max Müller. Partindo disso, a Linguística passou a ser entendida como ciência, porque seus fatos poderiam ser descritos, analisados e comprovados. A partir dessa época, foi inquestionável seu crescimento, sendo, depois, aprimorada na estrutura de Saussure.

Acrescentam Fávero; Molina (2006, p. 17) que o “elemento facilitador desse rápido caminhar repousa num constante *jogo de oposições*: é no momento de crise, de contradição, de *clivagem*, que se fazem as mudanças”. Ora, “o comparativismo surgiu em oposição às teorias especulativas; o estruturalismo, ao comparativismo; a gerativo-transformacional, ao estruturalismo; e contra os estudos circunscritos no limite da frase vieram as teorias do texto”.

Enfatiza-se a Linguística Histórica, a qual “estuda os processos de mudança das Línguas no tempo”, de acordo com Mussalim; Bentes (2011, p.77). Além disso,

afirmam que “os estudos históricos, principalmente os desenvolvidos a partir do século XIX com o latim, o grego e o sânscrito são tão importantes em linguística, que a própria disciplina, a Linguística, firmou-se como ciência a partir deles”.

A Linguística e a História têm caminhos paralelos, porém, Fávero; Molina (2006, p.18) explicitam o fato “de a História sempre ter se valido da linguagem para registrar suas mudanças e desenvolvimentos”, porém, acrescentam que “os estudos da linguagem até o século XIX pouco se serviram da História”. Dessa maneira, A Linguística passou a ser entendida como ciência por meio do surgimento dos estudos histórico-comparativos, em pleno século XIX. Segundo Mussalim; Bentes (2011, p.80), é ressaltada a relevância dos “estudos comparativos com as línguas indo-européias, nos séculos XVIII e XIX”, pois contribuíram de modo fundamental “para o nascimento e progresso da Linguística Histórica e para o próprio estabelecimento da Linguística como ciência”.

Conforme Weedwood (2002, pp.107-108), é importante destacar o erudito e diplomata alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835), um dos linguistas que mais marcou todo o século XIX. Seus interesses linguísticos não eram históricos apenas, uma vez se baseava no filósofo alemão Johann Gottfried (1744-1803), ao contrário da maioria de seus contemporâneos.

Von Humboldt deu ênfase aos estudos ligados às línguas nacionais – característica do Romantismo –. Destacou-se pela teoria Humboldt da forma externa e interna. A primeira está relacionada aos sons (matéria bruta). A segunda diferencia uma língua da outra por meio da estrutura de gramática atribuída por meio dos sons. Essa abordagem da estrutura da língua prevaleceu nos estudos linguísticos, em meados do século XIX. E mais que isso, a diferença da forma interna e externa pode ser percebida em Ferdinand Saussure (1857-1913) em seus estudos acerca do signo linguístico, que é definido como uma unidade psíquica de duas faces: significante (imagem acústica) e o significado (conceito). No entanto, acrescenta Weedwood (2002, pp.107-108) que essa concepção só foi compreendida no século XX, por meio do linguista americano Noam Chomsky, como noções básicas da gramática gerativa.

Análise das obras

Grammatica Portugueza

Júlio Ribeiro

O autor

Júlio Cesar Ribeiro Vaughan nasceu no dia 16 de abril de 1845, em Minas Gerais, na cidade de Sabará, filho de pai americano, George Washington Vaughan, e de mãe brasileira, de Tremembé, Maria Francisca Ribeiro. Júlio casou-se com a Sofia Aureliana de Sousa em 1871, com quem teve quatro filhos. Depois de tornar-se viúvo desde 1879, casou-se, já tuberculoso, com Beilsária do Amaral, prima de Amadeu do Amaral. Seu estado de saúde agravou-se, vindo a falecer no dia 1º de novembro de 1890.

A obra

Visão geral

Júlio Ribeiro tem consciência do seu papel renovador na produção de sua gramática. Com efeito, Ribeiro (1881, p.291) termina a 1ª edição, assinada em 27 de agosto de 1881, da seguinte forma:

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem estiver estudado filosofia e linguistica. Subtilezas só engendram confusão: em metaphysica cada qual discreteia a seu modo, e ha sempre tantas sentenas quantas são as cabeças. As irregularidades, os idiotismos, os dizeres intimos de uma lingua *só pelo estudo* histórico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos. (RIBEIRO, 1881, p.291).

Ribeiro pretendeu romper com a gramática filosófica, iniciando o período científico na gramática brasileira, quando “as forças de renovação prevalecem sobre as de conservação”, surgindo, “de maneira mais segura e auspiciosa, as manifestações da

direção filológica a qual, daí por diante, irá caracterizar os estudos lingüísticos no Brasil”, esclarece Sílvio Elia (apud FÁVERO; MOLINA, 2006, p.127).

A obra publicada em 1881 recebe várias críticas dos gramáticos da época, em especial, dos estrangeiros de Karl Von Reinhardstoether e de Alexandre Hummel quanto aos erros de etimologia e de distribuição de matéria. Ribeiro publica a segunda edição em 1885, que adquire a sua forma definitiva, com algumas alterações devido às críticas recebidas, prova disso, o autor esclarece o porquê da reedição no prefácio.

Em relação ao papel renovador de Ribeiro em sua gramática, no prefácio da 2ª edição, em 30 de dezembro de 1884, o autor (1885, p.I) critica os seus contemporâneos ao dizer que:

As antigas grammaticas portuguezas eram mais dissertações de metaphysica do que exposições dos usos de língua. Para afastar-me da trilha batida, para expor com clareza as leis deduzidas dos factos e do fallar vernaculo, não me poupei a trabalhos. Creio ter ferido o meu alvo. (RIBEIRO, 1885, p.I).

O autor contrapõe-se à gramática filosófica, e inspira-se em gramáticos estrangeiros para a produção de sua gramática, como foi mostrado anteriormente. Convém mencionar que, especificamente, na 2ª edição, Ribeiro abandona as abstratas e vagas definições de Burgraff e molda-se às de Whitney, consideradas mais claras e concretas.

Em relação às críticas da gramática de Júlio Ribeiro, destaca-se Maximino Maciel (1916, p. 500), que, em um apêndice chamado de *Breve Retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa* na sua *Grammatica Descriptiva*, afirma que:

Mais ou menos por esta época apparecera a Grammatica de Julio Ribeiro, baseada nos trabalhos philologos allemães, inglezes e francezes. Tão de perto se lhes abeirava, porém, que se diria antes uma adaptação á lingua vernacula do que um trabalho onde transluzissem, com a individualidade do autor, os seus processos, o seu methodo, emfim norteação propria, oriunda de um trabalho de assimilação. Até pontos havia que o Sr. Julio Ribeiro se adscrevia a transverter, quase ipsi verbis, para o vernaculo, as novas doutrinas dos autores extrangeiros, de Guardia, de Mason, de Bergmann. Além disso, resumbrava-lhe do estylo certo gráo de frouxidão e obscuridade, do methodo, certa desorientação; e, quanto á sintaxe, ao envez de

exemplos hauridos aos monumentos literarios, dava-lh'os elle proprio, quasi sempre. (MACIEL, 1916, p. 500).

Maciel (1916, p. 500) critica Júlio Ribeiro ao dizer que sua gramática não passou de cópia das gramáticas estrangeiras, mas também o elogia ao dizer que:

[...] se apressurou a de chofre quebrar a rotina, fosse como fosse, embora ainda houvesse assimilado o que lera nos filólogos estrangeiros, mas possui o mérito de haver sido o primeiro a transladar para compêndio didático a nova orientação, revertendo os alicerces da rotina e servindo de norma para algumas Gramáticas que se publicaram em São Paulo. (MACIEL, 1916, p.500).

Maciel, em meio às críticas, reconhece que Ribeiro foi o primeiro a transladar para o compêndio didático, aplicando uma nova orientação, sendo contrário à Gramática Geral. Como prova disso, Maciel inspira-se em vários autores da época, sobretudo, em Júlio Ribeiro.

Convém destacar, também, a presença das ideias evolucionistas na gramática de Júlio Ribeiro:

Bem como as espécies orgânicas que povoam o mundo, as línguas, verdadeiros organismos sociológicos, estão sujeitas à grande lei da luta pela existência, à lei da seleção. E é para notar-se que a evolução científica se efetua muito mais prontamente do que a evolução das espécies: nenhuma língua pode ter vivido por mais de mil anos, ao passo que muitas espécies parece terem-se perpetuado por milhares de séculos. (RIBEIRO, 1885, p.153).

Pode-se ligar Ribeiro ao Naturalismo; com efeito, ele era seguidor das ideias de Darwin. Ribeiro considera a língua um ser vivo – um organismo que **nasce, cresce e morre**. Dessa maneira, faz uso dos métodos de estudos das ciências naturais, uma vez que o autor se utiliza do aspecto **evolucionista do ser**.

Faz-se necessário mencionar o período racionalista (de 1882 a 1881) e o científico (de 1881 a 1941). O primeiro exerceu forte influência da Gramática de Port-Royal sobre o pensamento linguístico da gramática brasileira, sendo, ainda, muito predominante no século XIX, como afirma Cavaliere (2002, p.110):

O período racionalista deixou marcas profundas do ensino no português do século XIX, constituindo sem dúvida, o primeiro modelo de produção gramatical que perdurou por mais de uma geração dos estudiosos da língua vernácula. A principal crítica que se lhe impõe, decerto, reside na pouca ou mesmo nenhuma importância que então se dedicava ao estudo do português brasileiro, de tal sorte que nossas gramáticas mais se resumiam a copiar regras e dispositivos dos compêndios congêneres lusitanos. (CAVALIERE, 2002, p.110).

A Grammatica Portugueza, de Júlio Ribeiro (1885), veio da forte presença da Gramática Filosófica, em que os estudos históricos e descrição da língua vernácula quase não eram levados em conta.

Organização da obra

A obra Grammatica Portugueza, de Júlio Ribeiro (1885), organiza-se da seguinte maneira:

Lexicologia	Fonologia	Fonética Prosódia Ortografia
	Morfologia	Taxonomia Camponomia Etimologia
Sintaxe	Léxica	Relações subjéctiva predicativa atributiva objectiva adverbial
	Lógica	Relações coordenação subordinação

Júlio Ribeiro (1885) divide a sua *Grammatica Portugueza* em duas partes: lexicologia e sintaxe. Na primeira, segundo Fávero; Molina (2006, p.132), o autor considera as palavras isoladas em seus elementos materiais ou sons, em seus mórficos ou formas. Nesse sentido, baseia-se na dicotomia das palavras discursivas que enunciam ideias, e interjetivas que expressam os sentimentos. Essa última, conforme Ribeiro (1885, p.57), apresenta mais som do que palavras, por isso, não faz parte das oito classes gramaticais. Quanto às palavras discursivas, cinco são as declináveis (substantivo, artigo, adjetivo, pronome e verbo), e três são as indeclináveis – advérbio, preposição e conjunção.

Na segunda parte – a sintaxe –, é apresentada a sintaxe léxica e a lógica. A sintaxe léxica trata das relações subjetiva, predicativa, atributiva, objetiva e adverbial. Além disso, aborda o complemento verbal constituído por pronome pessoal e indicativo do destinatário na relação objetiva – adverbial –. A sintaxe lógica mostra as relações sintáticas por meio do uso da estrutura. Para Fávero; Molina (2006, p.133), essa hipótese não se afirma na exposição do assunto, uma vez que “Ribeiro vincula a *relação sintática* – não a *função* sintática – à palavra material, que lhe dá vida e sentido. Em síntese, na *estrutura* de Ribeiro, não interagem sintagmas, porém, *vocábulos*”.

Convém destacar o recurso à etimologia, dizem Fávero; Molina (2006, p.135) que:

A etimologia vai prestar-se a uma atividade do espírito pleno de fantasias de erudição e põe em evidência não só a preocupação de usar nomes de formação erudita sobre radicais gregos, tal como nas ciências biológicas, mas também a preocupação de classificar os fatos observados em consonância com os preceitos do evolucionismo, o que se vê nas partes que compõem a gramática. (FÁVERO; MOLINA, 2006, p.135).

Percebe-se na etimologia, a presença do evolucionismo na *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro (1885). Salienta-se que Ribeiro foi o primeiro autor a trabalhar o Naturalismo em sua obra, a partir dele, muitos autores do período o seguiram nessa abordagem darwinista.

Por fim, a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro (1885), procura afastar-se da Gramática Geral, embora não consiga completamente. Inicia, então, os estudos

evolucionistas e o método histórico-comparativo na gramática da Língua Portuguesa no Brasil.

Grammatica Descriptiva

Maximino Maciel

O autor

Maximino de Araújo Maciel nasceu no dia 20 de abril de 1866, em Sergipe, na cidade de Rosário do Catete. Formou-se em Direito na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1894, estudou Medicina na mesma cidade e foi professor no Colégio Militar, filósofo e poeta. Produziu muitas obras, dentre elas, destacam-se: *Elementos de Química Geral, baseado nas aquisições modernas científicas: refundidos e adaptados aos programas de admissão às Escolas Superiores* e a *Gramática Descritiva (baseada nas doutrinas modernas)*.

A obra

Visão Geral

Maximino Maciel (1894) é um gramático privilegiado por viver o período de transição do século XIX para o século XX. Desse modo, teve suas obras ligadas aos novos métodos e teorias praticadas na Europa, tal qual Ribeiro, Maciel era contrário à Gramática Filosófica.

Maciel inspira-se em vários gramáticos da época, dentre eles, destacam-se: Max Muller, Adolfo Coelho, Sotero dos Reis e Júlio Ribeiro. Esse último foi muito criticado por Maciel, que chegou até a dizer que Ribeiro não dominava bem a Língua Portuguesa, e que sua gramática não passava de cópia das gramáticas estrangeiras, não obstante, Maciel (1916) reconhece que ele foi de suma importância, pois foi primeiro a aplicar uma nova concepção por meio do compêndio didático, sendo contrário à Gramática Geral.

Maciel publica a *Grammatica Analytica* em 1887, no entanto, foi alvo também de grandes críticas, refazendo a sua obra em 1894 com o título de *Grammatica Descriptiva*. Enfatiza-se que, na contracapa de sua gramática, o autor a rubrica com os seguintes dizeres: “*Todos os exemplares são rubricados pelo autor*”. Convém mencionar que embora Maciel (1916, p.411) tenha se inspirado em vários gramáticos do período, o mesmo constrói a sua própria identidade gramatical, com efeito, destaca-se pela criação da doutrina de sistematização da semiologia. Convém mencionar que a gramática utilizada aqui é a de 1916, sendo o 1º milheiro da 6ª edição aumentada e refundida.

Organização da gramática

Gramática	Fonologia	Fonética Fonografia Prosódia Ortografia
	Lexiologia	Morfologia Taxionomia Ptoseonomia Etimologia Relacional
	Sintaxologia	Fraseológica Literária
	Semiologia	Semântica Tropologia

Diante da organização de sua gramática, segundo Bastos; Palma (2006, pp.74-75), Maximino faz uma observação de que todos os gramáticos e professores do período

seguiram a divisão da gramática em morfologia e sintaxiologia de Júlio Ribeiro (1885), mas, Maximino discorda nesse sentido, e segue em sua própria divisão.

Na primeira parte – Phonologia, o autor trata dos sons das palavras, diferenciando-a de fonética que “é o estudo dos phonemas, isto é, dos sons orgânicos da palavra, considerados em si ou em suas relações”. Por meio desse conceito, é perceptível a influência do evolucionismo usado na gramática de Júlio Ribeiro quando Maximino relaciona os fonemas com “os sons orgânicos da palavra”.

Na segunda parte – Lexiologia, percebe-se, mais uma vez, a presença do evolucionismo quando o autor trata das “palavras consideradas isoladamente como organismos independentes”.

Na terceira parte – Syntaxologia, já não se aborda mais as palavras isoladas, mas coletivas em suas variáveis funções ou relações lógicas. Nessa perspectiva, acrescentam Bastos; Palma (2006, p.75) que “esta parte mereceu grande atenção do autor, por ter considerado os escritores de prestígio, baseando-se neles por meio de exemplos clássicos e estilistas da moda”.

E na última parte – Semiologia, Maciel (1916, p.411) apresenta a sistematização da semiologia, doutrina pela qual se destaca, e afirma que “é toda nossa, pois ninguém, mais do que nós, lhe deu desenvolvimento, tornando-se a um corpo de doutrina”. O autor apresenta a significação das palavras em todas as demonstrações.

Maximino Maciel (1916, p.1) define Gramática como sistematização lógica dos fatos e normas de uma língua qualquer, e diz que ela pode ser descritiva, histórica e comparativa. No entanto, Maciel não consegue se desligar, completamente, da herança logicista; assim, ressalta que existe a gramática geral e particular, ao dizer que há também “uma grammatica geral, que se poderia chamar glossologia, isto é, o tratado das normas geraes e abstractas que se poderiam applica á expressão de pensamento ou á linguagem”. (MACIEL, 1916, p.2). Faz-se necessário explicitar que ao falar da gramática geral, Maximino escreve com letras pequenas, de tal modo que o autor cita essa gramática, mas não demonstra tanta importância.

Portanto, Maximino Maciel foi um gramático voltado para a sua época, privilegiado pela transição do século XIX para o XX, presenciou as novas teorias e métodos. Um autor que foi inspirado por muitos gramáticos, porém, é capaz de construir a sua própria identidade gramatical.

Considerações finais

Neste artigo, foram apresentadas as análises das gramáticas da Língua Portuguesa de Júlio Ribeiro (1885) e de Maximino Maciel (1984). Ribeiro, por um lado, foi quem rompeu com a gramática filosófica, iniciando, dessa forma, o método histórico-comparativo e o período científico na gramática do Brasil. Maciel, por outro lado, foi um gramático privilegiado por ter vivido o período de transição do século XIX para o século XX, tendo a sua gramática ligada aos novos métodos e teorias praticadas na Europa. Este se destaca, mesmo influenciado por muitos autores (até mesmo por Júlio Ribeiro), pela criação da doutrina de sistematização da semiologia.

Portanto, cumprimos o nosso objetivo ao perceber que a História das Ideias Linguísticas não pode ser desprezada pelos pesquisadores da própria língua, uma vez que os fatores filosóficos, educacionais, políticos e socioeconômicos do Brasil, na segunda metade do século XIX, são fundamentais para os estudos gramaticais.

REFERÊNCIAS

BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Org.). **História Entrelaçada: a construção de Gramática e o ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAVALIERE, R. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos. **Confluência**. Rio de Janeiro: vol. 23, p.102-119. 1º sem. 2002.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. **As Concepções Lingüísticas no Século XIX: a gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v.1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACIEL, M. **Grammatica descriptiva, baseada nas doutrinas modernas.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

REIS FILHO, C dos. **Modernização da cultura brasileira.** São Paulo: PUC-SP (distribuição interna), 1974.

RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza.** São Paulo, N. Falcone & Comp. São Paulo, N. Falcone & Comp., 1913, 7ª edição. [1881].

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: A Organização Escolar.** 16. ed. rev. e ampl. São Paulo: Autores Associados, 2000.

WEEDWOOD; B. **História Concisa da Linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ABSTRACT

The article is to analyze the Grammatica Portugueza, by Julio Ribeiro (1885), and the Grammatica descriptiva, by Maximino Maciel (1894), the second half of sec. XIX, based on the History of Ideas Linguistic that takes into account the Cultural History, with the primary aim to identify as a social reality is constructed, ie as given in the light at different times (Chartier, 1990). Thus, we considered the educational facts, political, economic, cultural and philosophical.

Keywords: Portuguese. Grammar. Linguistic History of Ideas.

Envio: Dezembro de 2014

Aprovado para publicação: Abril/2015